

TEMPO E HISTORICIDADE NA FILOSOFIA, CIÊNCIA E TEORIA DA HISTÓRIA: ENTREVISTA COM SILVIA CAIANIELLO

Francesco Guerra
Doutor em Discipline Filosofiche pela Università di Pisa
Pós-doutorando e Professor bolsista (PNPD-PPGH-UFG Capes)
E-mail: fguerra@hotmail.it

Murilo Gonçalves
Mestrando em História (Bolsista CNPq)
Universidade Federal de Goiás
E-mail: murilogoncalves.hist@gmail.com

Silvia Caianiello é Pesquisadora Sênior do *Istituto per la Storia del Pensiero Filosofico e Scientifico Moderno* (ISPF), uma instituição de pesquisa do *Consiglio Nazionale delle Ricerche*. Foi Professora Visitante no *Max-Planck-Institut für Wissenschaftsgeschichte*, em Berlim, e na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, em Paris. Atualmente trabalha com temas relacionados à História e Epistemologia das Ciências Naturais, História da Filosofia, Filosofia e Epistemologia da História e às interações entre Ciências Humanas e Ciências da Natureza.

A entrevista deu-se em ocasião de sua primeira visita ao Brasil, durante o final do mês de setembro de 2016, enquanto participava do Ciclo de Conferências: História da Historiografia, organizado pelo PPGH-UFG. Foi concedida em italiano, transcrita, traduzida e editada. Os temas foram diversos e abrangentes e servem sobretudo como convite para o conhecimento da obra da autora (livros e dezenas de artigos), ainda não traduzida para o português. Dentre os temas, destacam-se a intrínseca relação entre história, filosofia e ciência, o problema da temporalidade, a relação com Johann Gustav Droysen (cuja *Historik* traduziu para o italiano), o conceito de historicismo, o desenvolvimento historiográfico na Itália, a situação da pesquisa científica no país e os desafios que envolvem a prática da tradução.

Revista de Teoria da História: Professora, poderia comentar a respeito de sua trajetória profissional e intelectual?

Silvia Caianiello: A minha trajetória foi muito pouco linear. Comecei trabalhando em torno de Husserl, com uma tese a respeito do conceito de Intersubjetividade Transcendental, a via que o Husserl “maduro” segue para emancipar-se do solipsismo da tradição transcendental e que imediatamente coloca em jogo a importância da historicidade como dimensão interna à constituição do sujeito que surge do “dar-se” positivo de um mundo da vida no qual encontra-se em uma relação originária com os outros. Então, o conceito de historicidade situa-se talvez na gênese do meu percurso, que está envolvido no contexto da Escola Napolitana do Historicismo (*Storicismo*), que Fulvio Tessitore definiu como “crítico”¹. Mas outro aspecto que me intrigou a respeito de Husserl, do constituir-se originário do sujeito no relacionar-se sempre implícito do mundo da vida, é a formação de um pensamento dotado de estruturas e modalidades lógicas autônomas, antes da formalização de uma linguagem compartilhada, racional no sentido clássico do termo, intencionalmente comunicativa.

Da mesma forma, uma outra paixão pronunciada no início de meu percurso foi a psicanálise. Em um trabalho ulterior sobre Husserl, procurei concentrar-me nos ensaios sobre a síntese passiva a partir da qual ele tentou fundar uma via fenomenológica para a análise do inconsciente cognitivo (distinto, mas também parte integrante do emocional freudiano); um tema que obviamente foi pesquisado por muitos outros estudiosos das ciências humanas (e filósofos em particular) a partir de perspectivas muito diferentes, mas onde a contribuição de Husserl permanece sugestiva. Talvez não por mera coincidência que, apesar de ter estudado Freud por muito tempo, o único ensaio que escrevi sobre seu pensamento foi sobre sua concepção de tempo entre consciente e subconsciente: a questão se o tempo profundo do inconsciente para ele se move ou não, tem consequências interessantes sobre a sua concepção a respeito do tratamento das implicações metafísicas da sua teoria psicanalítica.

¹ O “Historicismo Crítico”, formulado por Tessitore, é resultado da confrontação da reflexão de autores ligados ao historicismo como Vico, Humboldt, Ranke e Meinecke com a tradição hermenêutica, especialmente Schleiermacher, Dilthey e Gadamer. Ver: TESSITORE, Fulvio. *Kritischer Historismus: Gesammelte Aufsätze*, Böhlau, Köln-Weimar-Wien, 2005. (N. do T.).

Depois da dissertação de mestrado, voltei a questões anteriores, por motivações contextuais, dada a minha associação profissional ao *Istituto del Consiglio Nazionale delle Ricerche*, hoje chamado *Istituto per la storia del pensiero filosofico e scientifico moderno*, mas que naquela época era um centro de estudos especializado em Vico. Porém, além de Vico, no qual o tema do tempo e da historicidade como fundamento da antropologia filosófica é um ponto de referência fundamental, concentrei-me em Johann Gustav Droysen, inicialmente desenvolvendo um trabalho muito complexo de tradução de sua *Historik* e, posteriormente, por meio da mediação dessa complexa figura, comecei a direcionar minha atenção para a relação entre ciência e tempo, a saber, sobre como as diferentes imagens do tempo histórico e as concepções do método, ou simplesmente da prática científica, constituem a ciência, influenciando-se um ao outro (a respeito desse tema publiquei um livro em 2005)².

Pode parecer estranho que tenha encontrado esse percurso por meio de Droysen, famoso sobretudo por ter sido um dos criadores da divisão entre ciências da natureza e ciências do espírito. Mas, observando internamente, aprofundando, também por meio da experiência de estudo (com Vico) sobre o século precedente, e à história que levou àquela exigência de separação e ao tipo de ciência contra a qual Droysen percebia a necessidade de opor-se, um horizonte de problemas foi aberto para mim, os quais julgo muito atuais. Sobretudo, gerou-me muitas perguntas sobre a falta de diálogo entre as ciências (os “saberes” germânicos, nos quais o termo *Wissenschaft* abraça os dois campos, natureza e cultura), e/ou se, por acaso, elas não encontrariam sempre modos oblíquos de diálogo, precisamente pelo fato de terem surgido em épocas propínquas em relação a uma mesma origem (*humus*) e interpretarem dela aspectos e exigências diferentes.

Assim, a minha pesquisa sobre a relação entre os modelos de ciência e as representações do tempo histórico, induziu-me a descobrir muitos diálogos, mais ou menos indiretos, sobretudo entre as ciências da vida e as ciências históricas, também na época de sua contraposição mais radical. Em suma, nesse longo percurso, apaixonei-me por aquilo que Jerome Bernard Cohen, grande historiador da ciência americano, chama de “intersecções”. E as intersecções pelas quais me apaixonei são as entre ciências da vida e ciências humanas. Por causa disso, nós

² Uma bibliografia da autora será apresentada ao fim da entrevista. (N. do T.).

fundamos no meu Instituto uma coletânea *on demand* que se chama “*Filosofia e saperi – sconfinamenti tra scienze umane e scienze della vita*”, que a partir desse ano publica ensaios também em inglês e nas principais línguas europeias.

Segui em meu percurso várias dessas intersecções, movendo-me um pouco na esteira da história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*), na qual minha principal fonte de inspiração foi R. Koselleck. Com a diferença que eu percebi a necessidade de praticá-la sem permanecer em um só campo semântico, como no projeto originário da *Begriffsgeschichte*, que é eminentemente histórico-político, mas em vez disso, atravessando campos disciplinares muito distantes, seguindo as migrações dos conceitos entre ciências diferentes, uma direção de pesquisa que, constatei com interesse, recentemente também na Alemanha está sendo desenvolvida com grupos que começam a trabalhar com uma história de conceitos especificamente científicos.

As intersecções parecem-me particularmente importantes nessa época de substancial, e talvez irreversível, ausência de unidade das ciências, pois parece-me que a migração dos conceitos seja o modo a partir do qual ainda se mostra possível dizer alguma coisa. Prefiro aqui falar de conceitos, campos semânticos e de sua evolução e talvez metamorfose, a falar de metáfora, que me parece uma tentativa de reduzir a importância da comunicação que tem lugar efetivamente. Não chegam a mim somente ecos, sombras, mas estruturas de pensamento...

Posteriormente, houve uma outra mudança em meu percurso, talvez ainda mais radical. Trabalhando sobre as migrações e intersecções de conceitos como desenvolvimento, evolução, individualidade, divisão do trabalho, sobretudo nos séculos XIX e XX, eu percebia a exigência sempre mais forte de adentrar-me no contemporâneo. Um trabalho sobre as coisas passadas (antiquário, por assim dizer) não só não me bastava mais, mas me parecia que não poderia ser realizado adequadamente se não se enraizasse em uma compreensão das perguntas atuais. Então, o centro de meus estudos transferiu-se para as ciências da vida e, em particular, a teoria da evolução contemporânea, partindo especificamente da relação entre desenvolvimento e evolução que, a partir dos anos 1990, deu vida a uma disciplina nova, também com raízes muito antigas, a assim chamada biologia evolucionista do desenvolvimento.

RTH: Seria possível estabelecer um fio condutor entre os temas mais recentes com os quais trabalha e os seus trabalhos mais antigos?

SC: Até certo ponto, enquanto começava a me apaixonar pela história da teoria da evolução, tive uma espécie de *insight*, ou melhor, parece que encontrei o ovo de Colombo (*l'uovo di Colombo*)³: eu percebi que todos os temas essenciais da filosofia e teoria da história, que por longo tempo me ocuparam, encontravam-se também na teoria da evolução. Obviamente, esses temas têm a ver com o tempo, com a historicidade dos seres vivos, a complexa relação dessa historicidade com a capacidade do ser vivo de envolver-se e adaptar-se a ambientes diversos. O que é fascinante ao se estudar as intersecções é também a evolução em curso na epistemologia das ciências da vida, a saber, como, na segunda metade do século XX, a ideia de ciência se transforma: com a descoberta, por exemplo, de que dos programas reducionistas da biologia molecular, com os seus enormes sucessos na metade do século XX, a mesma genômica está afirmando uma tendência epistemológica muito diferente, uma abordagem sistêmica da complexidade que não mais reduz a mudança à modificação casual de genes, mas a entende como o resultado de interações extremamente complexas entre muitos fatores nos quais os organismos, por exemplo, não são veículos passivos de genes, mas sistemas dinâmicos que respondem, por sua vez, mudando a mesma ação genética. Essa epistemologia da complexidade, que alguns definem pós-moderna, aproxima em alguns aspectos os percursos de ciências muito diferentes, prometendo restituir a cada uma sua especificidade de âmbito e método.

Um percurso em alguns aspectos semelhante pode ser reconhecido no campo da teoria da história. Também na história, até certo ponto, deixou-se de pensar que existiria uma sequência causal de eventos suficiente para explicar a mudança histórica. Isolar e conferir um poder explicativo fundamental só a eventos que se situam a um único nível (político, econômico...) não explica tudo o que acontece. Existem movimentos e mudanças simultâneas em todos níveis. O problema que lida a compreensão é também, e sobretudo, o de não perder essa complexidade.

³ Expressão idiomática que se refere à concepção de uma ideia ou descoberta brilhante que parece óbvia depois de enunciada. (N. do T.).

Mas, a despeito dessas sugestões, o meu método fica ligado à história dos conceitos, que na ciência possui obviamente aspectos adicionais em comparação às ciências humanas, mais qualitativas: veicular modelos, práticas científicas, escolhas sobre o que e como fazer experimentos e simulações etc. Certamente, um fator que motiva a minha decisão de estabelecer-me sobre um campo preciso do saber tem sido a percepção da nulidade de uma filosofia que se interpreta de modo autorreferencial. Surpreendeu-me muito uma frase polêmica de Fichte que estigmatizava e qualificava como “sem-sentido” aquela que chamava *Hohlbauchphilosophie*, uma filosofia de cerne vazio. Frase dita por um filósofo idealista, cujo pensamento é muito difícil de interpretar e que representa um dos cumes mais corajosos da especulação de seu tempo. Fichte era consciente de que qualquer especulação tem de fundar-se em um conhecimento aprofundado dos saberes positivos, que se deve imergir neles. Isso torna necessárias algumas escolhas. Acabada a ambição totalizante de ser o ponto mais alto do “próprio tempo apreendido no pensamento”, a filosofia permanece como um saber de segundo nível; reflete sobre os construtos teóricos que emergem continuamente nos saberes que se colocam em busca de fixar-se na realidade (quero dizer, tanto na vida cotidiana, nos modos e também nos estilos com os quais as pessoas representam as próprias experiências de si e do mundo quanto na prática concreta das diversas ciências). Eu diria que a filosofia tem de buscar as práticas teóricas onde quer que elas se manifestem e, para fazê-lo, obviamente tem também de escolher um âmbito específico de competência. Justamente sua capacidade de navegar em um meta-nível, por assim dizer, torna possível não se resignar a ser somente especializada, refletir passivamente a pluralização dos saberes, mas sim de ver conexões e interações, convergências pragmáticas e teóricas que esses saberes produzem e pelos quais são produzidos.

Em suma, o sentido do trabalho filosófico parece-me muito distante da antiga imagem da filosofia como rainha das ciências; na minha opinião, tem uma humilde tarefa, em alguns aspectos servil: pode analisar as reivindicações de verdade dos saberes específicos, mas não as contestar, examinar suas implicações e refletir a seu respeito, mas nunca as substituir. Todavia, essa tarefa aparentemente servil tem uma função essencial. É a condição imprescindível para uma perspectiva crítica e ética que, na melhor das hipóteses, pode retroagir em saberes positivos.

Falo dos saberes positivos, no sentido de prática, cujos pressupostos as diversas ciências raramente têm o tempo e a motivação de interrogar, mas eu gostaria de sublinhar que não estou falando somente das ciências da natureza. Existe a tendência a simplificar a diversidade dos saberes colocando-a ao longo de uma linha reta imaginária entre saberes humanos e saberes científicos. O ponto é que as ciências são plurais em ambos os âmbitos e, enquanto existe uma notável discussão crítica a respeito da diversidade dentro das ciências naturais, para além do mito da unidade da ciência, frequentemente é ignorada a multiplicidade, às vezes incomensurável, que separa as assim chamadas ciências humanas, as quais possuem abordagens e tradições de pesquisa muito menos padronizáveis em relação àquelas das ciências naturais e, frequentemente, ainda mais dificuldade no diálogo entre si.

Eu penso que uma das tarefas fecundas da filosofia seja a de abrir o diálogo entre os saberes e manifestar as muitas formas sub-reptícias de diálogo que continuam a percorrer “subterraneamente” sua separação. Também porque essas formas implícitas de comunicação entre as ciências são espontâneas, mas também frequentemente perigosas, precisamente pelo fato de que não são completamente conscientes. Por exemplo, o modo no qual os conceitos, as teorias, as metáforas migram é uma fonte de riqueza (hoje é consenso que as “contaminações” frequentemente fecundam a ciências) mas indubitavelmente também de perigo.

Juntamente com os conceitos, transferem-se para a ciências muitas coisas, inclusive as ambiguidades. Seria simplista, por exemplo, pensar que o conceito de raça, que a ideologia política tomou da biologia, fosse, ao contrário, em biologia, um conceito completamente neutro que foi manchado em um uso distorcido e violento que haviam feito desse conceito algumas comunidades políticas específicas. As coisas são muito mais complicadas, a ciência biológica (como e talvez mais do que as outras ciências naturais) não é neutra não por não fazer política diretamente, mas porque é feita por pessoas normais, igualmente influenciadas pelas estruturas mentais de longo e breve período como todos aqueles que desenvolvem uma atividade intelectual. As torres de marfim não são possíveis, a menos que os cientistas vivam em Marte.

Mesmo assim, acredito ainda em uma tarefa crítica da filosofia enquanto saber de segundo nível que se indaga sobre o que fazem os vários saberes e como se conta o

que fazem, uma tarefa na qual a história tem uma função importante. O poder excessivo das ciências da vida no nosso tempo torna mais urgente que o seu fazer seja acompanhado por uma reflexão histórica e filosófica, que é também uma base necessária para uma eventual reflexão ética.

RTH: Esses são temas muito caros à teoria da história também aqui no Brasil. Seria possível um breve comentário sobre o desenvolvimento dessa disciplina na Itália? É possível falar de uma “Escola Histórica Italiana”?

SC: A minha suspeita é a de que a forma da Escola, uma categoria importantíssima da sociologia do conhecimento, seja uma coisa que só possa ser dita em relação a contextos passados. Talvez a estrutura da universidade tenha mudado de tal forma que é difícil imaginar a relativa fixidez (“*stanzialità*”) que o conceito de escola implica (um mestre, um conjunto de adeptos...). Hoje, os pesquisadores (especialmente os humanistas) assemelham-se mais aos clérigos vagantes medievais que absorviam e reelaboravam originalmente estímulos de várias fontes; também por meio da imersão e colaboração por alguns anos em projetos de pesquisa e depois se movendo para outras direções.

Então, eu direcionaria a pergunta para um sentido diferente. Sim, obviamente existiram escolas históricas na Itália, provavelmente não uma compacta escola unitária, mas escolas diferentes, localizadas em lugares diferentes e caracterizadas por diferentes perspectivas. Penso, por exemplo, no historicismo, a abordagem diferente de Pietro Rossi, em Turim, ou Tessitore, em Nápoles. Para não falar de historiadores propriamente ditos que na Itália foram influenciados pelos muitos eventos sucessivos ao desenvolvimento da teoria da história (*Annales*, a história social etc.), mais recentemente a *world history*, muitos dos quais atingiram uma grande visibilidade internacional.

Existe uma relação preferencial do pensamento filosófico italiano com a história? Recentemente, o filósofo italiano e napolitano Roberto Esposito, em seu livro “Pensamento vivo” (*Pensiero vivente*), traduzido para o português⁴, sustenta uma tese desse tipo. Ele encontra uma especificidade da filosofia italiana na vocação

⁴ ESPOSITO, Roberto. *Pensamento Vivo: Origem e Atualidade da Filosofia Italiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (N. do T.).

particular a um pensamento “não puro”, cívico, voltada ao concreto e ao histórico, mais que à construção de sistemas abstratos e à especulação. Então, um “espírito italiano” voltado ao particular, ao “acidental”, ao mundo do “verossímil”, como o chamava Vico, precisamente aquele que teria marcado a abordagem histórica a partir das suas origens remotas. Certamente, o historicismo (*storicismo*) teve uma importância forte na história nacional a partir de Croce e, portanto, colore-se de valores muito vitais na história italiana, como a laicidade e o antifascismo, até hoje muito relevantes.

RTH: No âmbito social, qual seria o lugar da Universidade e da pesquisa científica na Itália atualmente?

SC: Infelizmente, esta é a típica pergunta à qual não só os humanistas, mas qualquer pesquisador italiano tem de responder com gemidos e gritos de dor. Há alguns decênios, todos os governos italianos têm cortejado a pesquisa, prometem relança-la e a piada que se poderia fazer é que parece que iriam matá-la para o seu próprio bem. Mas não quero esconder-me atrás das piadas. Também, infelizmente, há inquietantes pontos de convergência entre os governos de esquerda e direita que se sucederam. A situação é desesperadora, a universidade italiana está extinguindo-se, o grupo dos docentes e dos pesquisadores (também no CNR⁵) está envelhecendo, a troca geracional é completamente insuficiente. Até então, a excelência da pesquisa italiana tem sido vista pelas estatísticas internacionais (que sempre enfatizaram a taxa excepcionalmente alta de qualidade e produtividade em relação ao dinheiro investido) também pelo fato de que os outros países continuaram a acolher de braços abertos os valorosos estudantes que a universidade italiana não podia mais absorver. Dinheiro investido pelo futuro do país e que foi generosamente concedido a quem soube fazer uso. Mas o futuro parece-me ainda mais negativo: em dez anos, quem ainda será capaz de garantir tal alto nível de formação, quando a universidade italiana acabar-se esvaziando? Vivo em um ambiente universitário e o que mais me comove é a luta que os mais motivados fazem para não se deixar levar pela depressão, pela tristeza de ver crescer jovens brilhantes e saber que para eles não há futuro e, por isso, não há o

⁵ Sigla para o *Consiglio Nazionale delle Ricerche* (Conselho Nacional de Pesquisa). (N. do T.).

país que poderíamos querer. Esse é um pouco o clima daqueles que trabalham no ambiente universitário e que ainda acreditam nele, *spes contra spem*⁶. Mas muitos desistem: tenho visto ultimamente muitos docentes e pesquisadores valorosos aposentarem-se, felizes por serem libertos desse peso, extremamente cansados dos repetitivos e frequentemente ineficazes processos de reforma que se sucederam nos últimos dez anos e que parecem ter somente reduzido o seu espaço de ação.

Acredito, todavia, que a pesquisa, sobretudo a pesquisa das ciências naturais, tenham um prestígio crescente nas mídias italianas, depois de anos de falta de reconhecimento público nos quais sumariamente se identificou (também por conta das políticas de corte) a universidade e a pesquisa com um indistinto carrossel de nepotismo e corrupção. O choque, em parte, também fez bem, induzindo algum impulso à moralização do mundo universitário, ao menos em princípio. Agora, mesmo que não há mais nada a ser cortado, parece-me haver um apoio, uma valorização, com objetivo um pouco futebolístico, por assim dizer, ou seja, valorizar a ciência como orgulho do italiano, toda vez que uma descoberta ou empresa científica italiana apareça honrosamente na mídia. Mas o comportamento público com a ciência na Itália revela também inquietantes aspectos que eu definiria como pré-modernos. Talvez também pela insuficiente difusão da cultura científica na Itália, insuficiência que muitas iniciativas louváveis sustentadas também pelo governo, mas sobretudo pelos grupos de interesse e instituições muito engajadas, procuram convictamente corrigir. Parece-me que o cientista na Itália ainda está perigosamente próximo à figura do mago, mais do que à figura do técnico e do pesquisador. Se não, como explicar a facilidade com a qual, na Itália, emergiram verdadeiros magos, charlatões como Di Bella⁷ e aqueles do Método Stamina, que propuseram cuidados milagrosos ao câncer, que iludiram com consequências nefastas não só muita gente, mas, pior ainda, a magistratura, que inicialmente aceitou a prática desses cuidados?

Mas também a falta de atenção dos cidadãos pelo estado dos museus, dos arquivos, superintendências artísticas e as difíceis condições de quem trabalha nesses lugares, em um país onde um dos principais patrimônios é a milenar cultura

⁶ “Esperança contra esperança”. (N. do T.).

⁷ Luigi Di Bella (1912-2003). (N. do T.).

material e imaterial, parece-me sinal de uma incompreensão semelhante pelo trabalho e o significado das ciências humanas. A culpa não é só de quem governa, mas também de quem elege o governo.

RTH: Na sua opinião, existe hoje uma função social para a história e para o historiador? Qual seria? E qual seria a função de uma teoria da história?

SC: Não acredito que a história possua um papel salvador. Penso, porém, que a importância de uma historiografia rigorosa e consciente seja ainda mais forte em um mundo submerso de histórias que se disseminam epidemicamente por meio da internet, sem prestar mais contas a ninguém sobre os critérios nos quais são construídas, sem colocar de modo algum o problema da verdade. Nesse momento de confusão gerada pelo aumento incremental das informações acessíveis a qualquer pessoa, parece-me que foi perdida a diferença fundamental entre conhecimento e informação. Poder-se-ia dizer, com um paradoxo que, a importância dos historiadores tem que crescer se se quiser realmente chegar à famosa sociedade do conhecimento e sair daquela que, na verdade, no momento, é só uma sociedade submersa pela informação que não é mais capaz de assimilar propriamente.

Por essa razão, amedronta-me a ausência de demarcação que, na Itália, observo frequentemente entre o historiador e o jornalista. Não é incomum ver apresentarem-se em eventos públicos jornalistas que falam e escrevem de história (falo de nomes importantes que não citarei aqui) com o título de “historiador”.

Fique claro, ambos os papéis são fundamentais, e espero e acredito que depois da overdose em curso pela autoinformação e a desintermediação (*disintermediazione*) que está difundindo-se sob a onda do neopopulismo fomentado pela nova sociedade da internet, precisamente o jornalista, como garantidor e selecionador competente da notícia, vai voltar a ter um papel de primeiro plano. Mas não é o mesmo trabalho e os jornalistas não podem fazer bem o seu se não existem historiadores de ofício que confrontem todos os problemas da verdade, com uma crítica das fontes, à pesquisa e busca exaustivas, um confronto constante com as possibilidades e os limites dos próprios métodos, uma também constante luta contra instrumentalizações políticas que frequentemente insinuam-se mesmo nos

interstícios desses limites. Por aquilo que posso ver pela minha limitada observação, os estudos históricos na Itália gozam de boa saúde, mas nem sempre a voz dos historiadores profissionais chega tanto quanto deveria. Mas isso talvez tem a ver também com o estado dos meios de comunicação na Itália, onde é vigente uma liberdade de imprensa frequentemente mais aparente que real. Uma das principais falhas de nossa democracia.

RTH: Tratando-se agora do seu trabalho, muito dele parece ter se ocupado pelo historicismo alemão. Seria possível um breve tratamento da história desse conceito e uma explicação a respeito de em que sentido Droysen e sua teoria da história contribuíram para o seu desenvolvimento?

SC: Droysen foi redescoberto como teórico da história muito tardiamente. O historicismo (*storicismo*) (entendido como teoria da história, não como filosofia historicista da história de Herder até Hegel adiante) ficou encarnado no imaginário europeu por longo tempo por meio da figura de Leopold von Ranke, que tinha uma visão em alguns aspectos próxima ao positivismo sobre a validade do conhecimento histórico. Os historicistas alemães da segunda geração, aqueles que, depois da Segunda Guerra Mundial, fizeram conhecer e estimar a figura de Droysen, como seu discípulo Friedrich Meinecke, que muito contribuiu na redefinição e difusão da categoria do historicismo, interessavam-se muito pouco pelo seu método, exceto ao utilizar da distinção de ciências do espírito e ciências da natureza. A sua demanda era a da refundação da cultura alemã depois do trauma nazista. Um projeto de renascimento no qual o historicismo tinha uma função precisa. Não a epistemologia. A minha tese é a de que Droysen representa, ao contrário, o retorno para uma concepção do método histórico mais atual, que ultrapassa os aspectos positivistas de Ranke e coloca com novo rigor o problema da validade do resultado da pesquisa. Droysen estabelece o hiato entre ciências do espírito e ciências da natureza, mas o faz precisamente porque dialoga com as ciências da natureza, as entende e quer convencer da autonomia da ciência histórica, estabelecendo, também, os limites críticos do seu conhecimento possível. Para mim, o aspecto mais interessante de Droysen é o de colocar lucidamente muitos dos problemas de frente aos quais a teoria da história se encontra no século

XX e que serão depois os grandes historiadores dos *Annales*, na França, a levá-la a um terreno renovado e mais sistemático.

RTH: Qual a relação da história e teoria da ciência com a teoria da história? Essa aproximação contribui para se pensar a questão do tempo e da temporalidade? Como reflete a respeito do tempo a disciplina da história?

SC: Em parte, acho que já respondi a essa pergunta. Depois de Kuhn e Quine, a epistemologia da ciência colocou em discussão a própria vocação normativa e muitas correntes epistemológicas não-analíticas e pós-analíticas falam explicitamente de epistemologia histórica. Elas superaram o temor primitivo em admitir que a ciência teria uma história afetada pelo valor de verdade que ela seria apta a atingir, a partir da consciência de que, como disse o matemático Von Neumann nos anos 1950, “as ciências não procuram explicar nem realmente interpretar, mas sobretudo construir modelos”.

Bem, sim, eu diria que a questão da história, do tempo irreversível dos sistemas abertos ou que se dissipam, seja penetrada em muitos níveis pela interrogação científica e as viradas dentro do campo da física, a partir de Einstein, foram decisivas para introduzir esse novo curso no começo do século XX. Mas, as escalas temporais em jogo são muito diferentes entre os diferentes saberes e os problemas que elas colocam não vão simplesmente se sobrepor.

RTH: A partir de sua experiência com a tradução, poderia relatar os principais desafios e particularidades? Existe uma especificidade na tradução da língua alemã para as línguas neolatinas?

SC: Eu tive experiências de tradução muito cansativas e, em alguns aspectos, traumáticas. Imediatamente depois do mestrado, fui proposta a traduzir as aulas de Heidegger sobre a “Fenomenologia do Espírito”, de Hegel⁸ (naturalmente, sob a supervisão de um especialista em Heidegger nas questões terminológicas). Foi um

⁸ Referência em relação à *Gesamtausgabe*: HEIDEGGER, Martin. *Hegels Phänomenologie des Geistes* (Band 32: Freiburger Vorlesungen: Wintersemester 1930/31), Hrsg.: I. Görland, 1980, 2. Auflage 1988, 3. Auflage 1997, VIII, 224 S. (N. do T.).

batismo de fogo, mas confesso que a intimidade que a tradução concede foi para mim uma experiência importantíssima. Com certeza, odiei muito Heidegger, e o seu uso peculiar da linguagem ainda me enfastia; mas aprendi muito mais do que se tivesse lido todos os seus livros e, aquele trabalho, em parte, modelou o meu interesse pelos modos de conceber o tempo histórico.

A relação com Droysen foi muito diferente. A dificuldade era objetiva. Eu tive que entrar em seu mundo mental, entender o seu alemão que, às vezes, nem mesmo um amigo historiador alemão, ao qual eu me reportava, sabia ajudar-me. A quantidade de conhecimentos extraordinários atrás de cada palavra de Droysen abria um mundo de referências a cada página e eu me deixei prender pela tentação de seguir muitos desses conhecimentos.

Para traduzir, é necessário um rigoroso equilíbrio, muito difícil de ser mantido, entre obsessão (que exige pedantismo, atenção ao detalhe mais insignificante, reiteração (*stillicidio*)) e intuição, coragem no ato interpretativo, mas também, e talvez sobretudo, no ato construtivo, quando, para restituir melhor o sentido, se renuncia ao sentido literal, arrisca-se e então fica-se propriamente sozinho em jogo e expõe-se ao risco de ter perdido o outro. Mas é um risco necessário. As traduções demasiadamente literais são um golpe ao coração do autor tanto quanto aquelas demasiadamente livres. Mas o equilíbrio é muito difícil.

Certamente, a especificidade do alemão para quem traduz de uma língua neolatina é um obstáculo formidável. Desmembrar a rígida construção da sintaxe alemã, articular em um fluxo as palavras compostas, é como resolver uma composição musical feita por acordes em uma série de variações cantáveis. Mas perde-se muitíssimo: por exemplo, a liberdade com a qual os alemães podem enrijecer conceitos fluídos, conceder-lhes uma nova substancialidade. Talvez este seja um aspecto do idioma alemão que não seja percebido ao primeiro contato, mas, atrás da aparente rigidez, há uma língua extremamente móvel na qual a liberdade de cristalizar novas figuras linguísticas corresponda quase à liberdade do inglês, mas, ao mesmo tempo, mais densa, consistente.

Principais publicações:

Livros:

- *Scienza e tempo alle origini dello storicismo tedesco*, Liguori, 2005.
- *Catalogo internazionale delle prime edizioni di Vico nelle biblioteche fuori d'Italia*, Napoli, Guida, 2000.
- *La "duplice natura dell'uomo": la polarità come matrice generativa del mondo storico da Humboldt a Droysen*, Presentazione di F. Tessitore, Soveria Mannelli (Cz), Rubbettino, 1999.

Edições e organizações:

- *Fuori di sé. L'empatia nell'orizzonte umano e oltre*, a cura di S. Caianiello, Roma, CNR Edizioni, 2015.
- *Da Gould a evo-devo. Percorsi storici e teorici*, a cura di Silvia Caianiello, Roma, CNR Edizioni, 2014.
- *Anton Dohrn e il darwinismo a Napoli. Antologia di scritti*, S. Caianiello e Christiane Groeben (org.), Napoli, Denaro Libri, 2010, pp. 199.
- *Tavola rotonda virtuale intorno al libro di Giulio Barsanti, Una lunga pazienza cieca. Storia dell'evoluzionismo*, in "Laboratorio dell'ISPF", III, 2006, 2.
- *Vico nella storia della filologia*, Atti del Seminario Internazionale Napoli 21 novembre 2003, a cura di S. Caianiello e A.Viana, Napoli, Guida, 2004.
- *J. G. Droysen, Historik (1857-58): Istorica*, Napoli, Guida, 1994 (Introduction pp. 9-74); II edition, 2003.

Artigos recentes:

- "Revisiting the phenotypic hierarchy in hierarchy theory", in *Evolutionary Theory: A Hierarchical Perspective*, ed. by N. Eldredge, T. Pievani, E. Serrelli e I. Temkin, University of Chicago Press, 2016.
- (con M. Bertolaso) "Robustness as Organized Heterogeneity", in *Rivista di Filosofia Neoscolastica*, CVIII 2016 January.

-
- "Empatia e relazionalità. Dalla comunicazione dei corpi all'orizzonte del nonumano", in *Fuori di sé. L'empatia nell'orizzonte umano e oltre*, a cura di S. Caianiello, Roma, CNR Edizioni, 2015, pp-9-34.
 - " Vecchie e nuove funzioni della storia della scienza", in *La meraviglia e la passione: un secolo di scienze della natura nel Mezzogiorno (1760-1860)*, a cura di M.R. Ghiara, CNR Edizioni. 2015, pp. 95-108.
 - "L'histoire de la notion d'époque comme figure qualitative du temps", in *Histoires universelles et philosophies de l'histoire. De l'origine du monde à la fin des temps*, ed. by A. Escudier - L. Martin, Paris, Les Presses de Sciences Po, 2015, pp. 137-153.
 - *Succession of function, from Darwin to Dohrn*, in "History and Philosophy of the Life Sciences", January 2015, Volume 36, [Issue 3](#), pp 335-345. DOI 10.1007/s40656-014-0041-y.
 - *Immagini dello sviluppo da Gould a evo-devo*, in *Da Gould a evo-devo. Percorsi storici e teorici*, a cura di S. Caianiello, Roma, CNR Edizioni, 2014., p. 51-82.
 - *L'olismo nella cultura tedesca tra scienza e filosofia*, nel volume *Paradigmi della totalità nella cultura tedesca*, a cura di Luca Zenobi e Maurizio Pirro, in corso di stampa.
 - *Scienze d'Italia*, in "Contemporanea", XVI (2013) 3, pp. 475-483.
 - *Intorno alle prime edizioni italiane di Buffon*, in *Traduzione e transfert nel XVIII secolo tra Francia, Italia e Germania*, a cura di G. Cantarutti e S. Ferrari, Milano, Franco Angeli, 2013, pp. 95-119.
 - *L'interno della selezione*, in *Confini aperti in biologia*, a cura di B. Continenza, E. Gagliasso e F. Sterpetti, Milano, FrancoAngeli, 2012.
 - *Conoscenza ed empatia. L'animalità e il disagio dell'antropocentrismo*, in "Scienza & Filosofia", 7, 2012, pp. 81-89 (<http://www.scienzae filosofia.it/s-f-n-7-2012-2524593.html>).
 - *A proposito di Droysen*, in "Archivio di Storia della cultura", XXV, 2012. pp. 253-266.
 - *Accorciare le distanze tra la storia e le scienze della vita*, in "Logos", VII, 2012, pp. 209-218.
 - *Vico nello storicismo tedesco*, in "Laboratorio dell'ISPF", VIII, 2011 (versione italiana rielaborata dell'articolo *La lecture de Vico dans l'historicisme allemand*, in « L'Art du comprendre », avril 1998, n°7, pp. 139-167).

- *Les modules de la variation. L'évo-dévo ou la nouvelle genèse des formes*, in «Critique»: « Bodybuilding », Janvier-Février 2011, numero 764-765, dirigé par Thierry Hoquet: 130-142.
- *Biological modules*, in *Natural History for the 21st Century. A gift for Hans-Jörg Rheinberger*, Berlin, 2011: 220-222.
- *Verso una storia dell'Istorica di Droysen*, «Archivio di Storia della cultura», XXIII, 2010: 293-320.
- *L'enjeu épistémologique de la notion d'époque entre organisme et système au XIXe siècle*, in "Annales. Histoire, Sciences Sociales", 2009, 1.
- *Adaptive vs Epigenetic Landscape. A Visual Chapter in the History of Evolution and Development*, in *Graphing Genes, Cells and Embryos: Cultures of Seeing 3D and Beyond*, With 49 figures edited by S. Brauckmann, C. Brandt and D. Thieffry, Max Planck Institute Pre-Print Series, Sept 30, 2008, pp. 71-82.

Principais traduções:

- Rudolph Virchow, *Atomi e individui*, in "Medicina nei secoli", 20/1, 2008.
- J. G. Droysen, *Historik (1857-58): Istorica*, Napoli, Guida, 1994; II edition, 2003.
- Martin Heidegger, *La fenomenologia dello spirito di Hegel*, Napoli, Guida, 1988.